

OS credores. Até março.

março não haverá problemas e ainda há a possibilidade de reescalonamento da dívida.

Sem problemas com

Delfim e Pastore retornam dos EUA tranqüilos e confiantes. É que até

Aparentemente tranqüilos e confiantes, o ministro do Planejamento, Delfim Neto, e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, retornaram ontem ao Brasil após uma semana de contatos e sondagens nos meios financeiros oficiais e privados de Washington e Nova York. Se o estado de espírito de ambos refletiu com fidelidade a melhora na situação do País ou simplesmente a iminência de sua saída do governo, é difícil dizer.

Pastore reuniu-se anteontem com o comitê de bancos internacionais que negocia com o Brasil questões relacionadas à sua dívida externa e forneceu-lhe os esplêndidos resultados de julho da balança comercial brasileira (veja matéria à esquerda).

Na nota que emitiu ontem à imprensa, com esses dados, o presidente do Banco Central disse ter informado o comitê liderado por William Rhodes, do City Bank, que o Brasil atingiu "todas as metas relevantes do programa concertado com o Fundo Monetário Internacional para o final do mês de junho".

Disse ainda Pastore que o Brasil só iniciará formalmente a fase 3 das negociações com os bancos internacionais em outubro. O dia exato não foi escolhido ainda. A fase 3 tratará das necessidades do País para 1985, tanto de novos empréstimos como de reescalonamento do que está para vencer. Embora a nota não mencione este fato, é possível que se examine o reescalonamento não só do que vence em 1985, como nos dois, três ou quatro anos seguintes. O reescalonamento plurianual das amortizações está sendo negociado com o México, como prêmio pelos seus esforços de ajustamento.



Os credores sentem-se inclinados a adotar o mesmo procedimento para o Brasil, mas antes querem ver sinais de que o seu programa de ajustamento continuará sendo executado de maneira exemplar.

Delfim Neto e Afonso Celso Pastore parecem convencidos de que o Brasil não terá problemas com seus credores até março do próximo ano, e apostam que o próximo governo seguirá uma política muito semelhante à que foi executada até agora pela administração Figueiredo para lidar com suas dificuldades externas.

Delfim simplesmente não parece estar preocupado demais com o que possa ocorrer na área institucional. Ainda que o senhor Tancredo Neves vença as eleições indiretas de janeiro — o que, para ele, não está absolutamente assegurado —, é mais provável que seu ministro da Fazenda, ou do Planejamento, seja um homem do temperamento profissional de Olavo Setúbal, se desejar o cargo. Apesar da multiplicida-

de de influências na oposição, Tancredo Neves teria apenas de se preocupar de fato com o preenchimento de cinco pastas cruciais. Ministérios como o do Trabalho poderiam ir até para Lula. Pouco tempo depois, o ex-líder sindical seria um dos ministros mais conservadores do gabinete, enlouquecido pela diversidade de exigências e reivindicações muitas vezes conflitantes.

Ainda segundo confidentes, Delfim não tem, porém, a pretensão de saber o que pensa Tancredo Neves. O ministro do Planejamento diz às pessoas que o governador de Minas não lhe contou nada, que nem sequer conversaram. Mas quando nega o seu encontro "secreto" com Tancredo, Delfim o faz com um sorriso maroto.

As autoridades brasileiras não sentem ter encontrado nos meios financeiros americanos nenhuma ansiedade excessiva em relação à mudança de governo no Brasil. Mesmo sem procuração dos candidatos à Presidência, é de se supor, contudo, que tentaram tranqüilizar os credores, alguns dos quais podem ter tanto a perder com uma ruptura das negociações quanto nós.

No que diz respeito ao desempenho do Brasil neste instante, os novos números da balança comercial de julho vêm justificar o relativo otimismo professado pelo FMI e pelos banqueiros. Tanto quanto o governo, o FMI não vê nada de errado com o fato de que as exportações lideram o crescimento econômico nacional.

A.M. Pimenta Neves,
correspondente
em Washington.